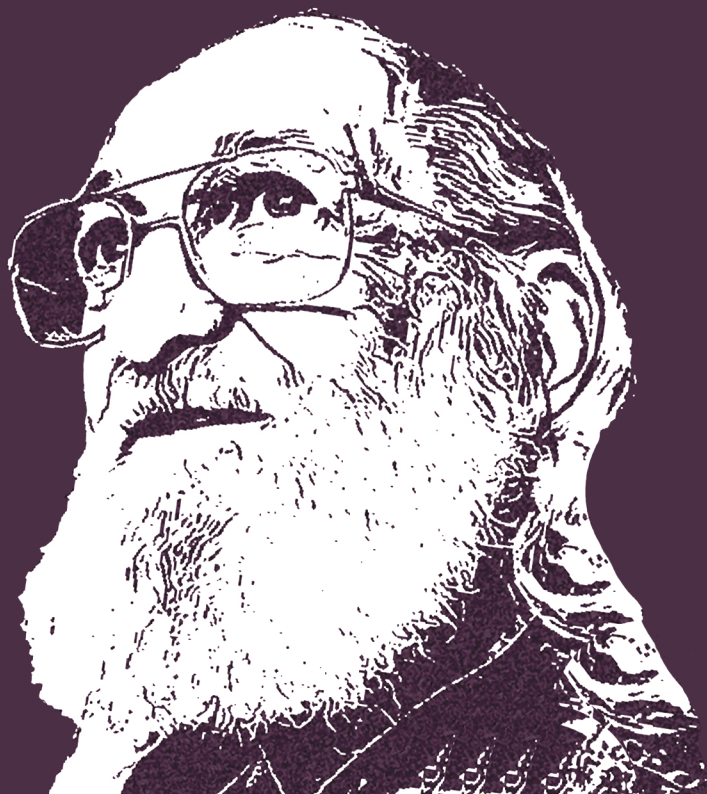


Luiz Síveres
José Ivaldo Araújo de Lucena
Joaquim Alberto Andrade Silva
Organizadores



DIÁLOGOS COM PAULO FREIRE

Reflexão e Ação



Diálogos com Paulo Freire: reflexão e ação

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Presidente:

José Quadros dos Santos

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Evaldo Antonio Kuiava

Vice-Reitor:

Odacir Deonísio Gracioli

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Juliano Rodrigues Gimenez

Pró-Reitora Acadêmica:

Flávia Fernanda Costa

Chefe de Gabinete:

Gelson Leonardo Rech

Coordenadora da Educs:

Simone Côrte Real Barbieri

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldino Rech (UCS)

Asdrubal Falavigna (UCS) – presidente

Cleide Calgaro (UCS)

Gelson Leonardo Rech (UCS)

Jayne Paviani (UCS)

Juliano Rodrigues Gimenez (UCS)

Nilda Stecanela (UCS)

Simone Côrte Real Barbieri (UCS)

Terciane Ângela Luchese (UCS)

Vania Elisabete Schneider (UCS)

Diálogos com Paulo Freire: reflexão e ação

Luiz Síveres
José Ivaldo Araújo de Lucena
Joaquim Alberto Andrade Silva
Organizadores



© do autor
1ª edição 2021

Revisão: Izabete Polidoro Lima
Editoração: Giovana Letícia Reolon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

D536 Diálogos com Paulo Freire [recurso eletrônico]: reflexão e ação / org. Luiz Síveres, José Ivaldo Araújo de Lucena, Joaquim Alberto Andrade Silva. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2021.
Dados eletrônicos (1 arquivo)

ISBN 978-65-5807-107-5

Apresenta bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Freire, Paulo, 1921-1997. 2. Educação. I. Síveres, Luiz. II. Lucena, José Ivaldo Araújo de. III. Silva, Joaquim Alberto Andrade.

CDU 2.ed.: 37.013

Índice para o catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo, 1921-1997	37.013
2. Educação	37

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500



Direitos reservados a:

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

The authors are responsible for the choice and presentation of information contained in this book as well as for the opinions expressed therein, which are not necessarily those of UNESCO and do not commit the Organization.

Consciência e conscientização

Luiz Síveres*

*A conscientização é mais que uma
simples tomada de consciência.*

(Paulo Freire)

1 Contexto da obra

O livro *Conscientização...* se encontra num movimento que permeou a América Latina quando, nos decênios finais do século passado, propunha-se uma educação libertadora que pudesse contribuir com a consciência pessoal e a participação efetiva nas transformações sociais. Tais pressupostos seriam as razões para o título deste capítulo, isto é, um processo para conscientizar-se e um procedimento para a conscientização, a partir de um compromisso efetivo com as mudanças políticas, econômicas e culturais.

Esse empreendimento foi constituído para se configurar como um projeto de mudança de pessoas alienadas em sujeitos emancipados, de situações de opressão em projetos de libertação, e de contextos de dominação, em programas de afirmação da condição humana e da cidadania comprometida. E, para garantir uma efetividade a essa proposta, sugeria-se, naquele período, um projeto educativo pautado numa dinâmica criadora e num dinamismo de conscientização.

Para atingir a esse objetivo e dar concretude a essa proposta, o livro é composto de três partes, a saber: o homem e sua experiência; alfabetização e conscientização; práxis libertadora. Assim, tendo como referência essa abordagem tridimensional, é possível depreender, portanto, que o percurso realizado pelo autor acolhe a relevância da subjetividade, desenvolve uma proposta mediadora, e indica para uma

* Pós-Doutor em Educação e Psicologia; professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: luiz.siveres@gmail.com

finalidade existencial, aspectos inerentes, articulados e “transversalizados” por um projeto educativo.

Essa proposta foi materializada, nessa perspectiva, no método de alfabetização, que tinha como dinâmica motivadora um percurso criativo, no qual todos pudessem ser considerados criadores; um projeto do qual todos pudessem ser sujeitos para inventar ou reinventar as palavras geradoras; bem como, uma metodologia que promovesse a conscientização, tendo em vista a formação crítica dos sujeitos e a transformação criativa da sociedade.

A alfabetização, pela conscientização, parte da experiência do grupo, a partir da manifestação do universo de palavras que lhes são familiares; na sequência, se faz uma seleção das palavras que são mais significativas para os participantes e, em seguida, relacionam-se tais palavras com as situações-problema daquela realidade, da qual eram selecionadas as “palavras geradoras”, que poderiam contribuir com a constituição de uma família fonética.

A partir da compreensão das palavras geradoras e da família fonética, estabelecia-se uma correlação com a história do grupo, instituindo os laços semânticos e as ligações com o contexto e, com base nisso, criavam-se novas palavras e inventavam-se novas combinações vocabulares. Esse exercício iniciava com a representação oral, seguia-se com a escrita da palavra e, a partir disso, a mesma era utilizada para compreender a realidade e aplicar um significado à mesma.

Essa proposta contribuiu, também, com a germinação dos Círculos de Cultura, que propunham uma educação pautada, não na memória, mas na consciência; não na repetição, mas na criação; não na domesticação, mas na libertação. Por isso, o primeiro passo é conscientizar-se para, na sequência, alfabetizar-se, tendo em vista a formação de um ser humano crítico, criativo e politizado.

Ainda, na referência aos Círculos de Cultura, a recomendação inicial era de que todos deveriam se sentir livres e se expressar com

liberdade; reconhecer sua historicidade e analisar a realidade na qual estão inseridos, bem como desenvolver a vocação ontológica, no sentido de projetar um sentido existencial e uma finalidade social, compatível com a dignidade de todo o ser humano e de toda convivência social.

E, para dar efetividade a essa proposta, recomendava-se uma consciência que pudesse nascer de dentro da própria subjetividade humana e a partir de seus contextos históricos, superando, assim, uma consciência dependente das estruturas dominantes externas, bem como, de formas manipuladoras que se encontravam fora da realidade objetiva. Considerando, porém, que essa estrutura é espessa e durável, a tomada de consciência inicia com a abertura de uma pequena fenda, isto é, a descoberta de uma pequena fresta por entre os rochedos, despertando novos olhares e desencadeando movimentos reveladores, muitas vezes pequenos e frágeis, até atingir o conjunto da população.

Para atender a esse propósito, torna-se necessário um contínuo processo de des-velamento, que seria a superação de uma consciência ingênua e domesticada para uma consciência crítica, tendo em vista um projeto transformador da consciência pessoal e social, e, para dar materialidade a esse procedimento, recomendava-se uma pedagogia “humanizante”, permeada pelo diálogo entre a reflexão e ação, porém, comprometida com a libertação dos oprimidos.

Considerando, portanto, os distintos cenários dessa obra, a mesma nos provoca a estabelecer um diálogo com Paulo Freire, objetivando perceber melhor a realidade, bem como acolher o entendimento do processo de conscientização, tendo em vista um método de educação que contribua com a consciência pessoal e a transformação social. É com essa finalidade, que, de forma simulada, vai se estabelecer, na sequência, uma “conversa” com o autor.

2 Conversa com Paulo Freire

Para estabelecer um diálogo, em forma de conversa e tendo como temática o livro *Conscientização*, é oportuno acolher a manifestação que se encontra no prólogo, ao identificar o autor como “um homem, uma presença, uma experiência”. Isto é, a conversa é com um homem que está enraizado na cultura nordestina, na conjuntura brasileira e num continente a ser transformado; revela, também, uma presença silenciosa que se manifesta numa palavra “conscientizadora”; e, com uma experiência, ainda por ser feita, pautada em novas percepções da realidade, em métodos que proporcionem mudanças, e em projetos educativos capazes de pautar a teoria e a prática da libertação.

Luiz: Saudações dialógicas Paulo! Para iniciar nossa conversa, o senhor poderia se apresentar aos leitores?

Freire: Pois bem, sou filho de Joaquim e Edeltrudes; nasci no dia 19 de setembro de 1921 no bairro Casa Amarela, em Recife. Mas foi em Jaboatão que perdi meu pai, experimentei a fome e compreendi a fome dos outros e, com 10 anos, compreendi que o mundo não estava bem e me perguntava: “O que posso fazer para ajudar os homens”? Para contribuir com a resposta a esse desafio, fiz os estudos em diversas escolas e me formei em Direito na Universidade Federal de Pernambuco. Mas, embora não atuasse na área jurídica, fui trabalhar no Serviço Social da Indústria e, em consequência da Revolução de 1964, fui exilado para o Chile, onde desenvolvi a *Pedagogia do oprimido*. A partir desse ensaio, peregrinei pela América Latina e pelo mundo, propondo um projeto educativo capaz de colaborar com a libertação das pessoas, das culturas e das sociedades.

Luiz: A partir da sua obra, o que o senhor entende por “conscientização”?

Freire: O vocábulo “conscientização” foi criado, por volta de 1964, por uma equipe de professores vinculados ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros, e divulgado por Dom Hélder Câmara, em nível

nacional e internacional. Mas, para mim, a conscientização está vinculada a um processo educativo como prática da liberdade, principalmente, por meio de uma aproximação crítica da realidade. Enfim, a conscientização é uma práxis humana que articula a reflexão sobre o mundo e a respectiva prática para a sua transformação.

Luiz: Como se desenvolve essa práxis?

Freire: A conscientização é um processo que potencializa o “desvelamento” da conjuntura, com o objetivo de aprofundar e ampliar sua percepção e, para caracterizar tal procedimento, é necessário um olhar dialético que articula a ação e a reflexão, integrando a consciência pessoal e a realidade do mundo. Essa dinâmica assume um percurso aberto, sempre em movimento e, por isso, nunca acabado; portanto, a conscientização se caracteriza como um projeto utópico que vai se fazendo e refazendo, por meio da denúncia de estruturas desumanas e o anúncio de propostas “humanizadoras”.

Luiz: Isso exige, por sua vez, uma metodologia específica?

Freire: Sim, o método inicia com uma decodificação da conjuntura, buscando-se certo distanciamento da mesma, para, então, com um olhar mais crítico e criativo, perceber as junções e contradições dessa realidade. Na sequência, desenvolve-se a codificação que, com a contribuição de outros olhares, produz-se uma temática geradora que desencadeia numa nova práxis sobre a realidade. A potencialidade desse método permite, nesse sentido, a consciência de si, dos outros e do mundo, tendo em vista a construção de um projeto histórico “emancipador” e libertador, no qual o ser humano é seu protagonista e, portanto, considerado um “ser de raízes espacotemporais”.

Luiz: Com o objetivo de desenvolver essa metodologia, a educação precisaria seguir algumas ideias-força, quais seriam as mais recomendadas?

Freire: De um conjunto de ideias-força, gostaria de destacar que o processo educativo precisa ser precedido por uma reflexão sobre o contexto cultural do ser humano, no qual ele é compreendido, não como objeto, mas como sujeito de um projeto histórico e civilizatório; na sequência, um olhar crítico sobre a conjuntura e a história, percebendo o ser humano como um ser situado e contextualizado; entender, também, que existem características externas, tais como os outros seres humanos, os cenários naturais e a divindade transcendental, e, também, a realidade interna que, por meio de um discernimento, o ser humano vai reconhecendo a si mesmo, porém, sempre em diálogo com os demais; e prospectar, por meio dessa dinâmica, uma proposta que vai configurando a cultura e construindo a história; e, enfim, projetar o processo educativo para finalidades que revelam a dignidade da condição humana e a transformação da sociedade.

Luiz: Essas sugestões fariam parte daquilo que o senhor chama de “práxis da libertação”?

Freire: Exatamente! A práxis da libertação, segundo a minha percepção, está ancorada em três palavras-chave, a saber: opressão, dependência e marginalidade. Assim, no cenário da América Latina, o amor dos opressores está vinculado à falta de amor e à falsa generosidade, levando os oprimidos a se identificar, num primeiro momento, com esse perfil de amorosidade do opressor. Porém, com a práxis da libertação, mesmo em meio às contradições, começa a nascer uma verdadeira solidariedade, que se encontra na plenitude deste ato de amor, na realização existencial e relacional, e na ação e reflexão. Isso revela, no entanto, que o processo de liberdade inicia por eles próprios para, então, propor um projeto coletivo de libertação, dinâmicas que exigem, por sua vez, uma constante afirmação de confiança em si mesmo e nos outros, e um devotado processo de conversão pessoal e social.

Luiz: Além da opressão, a dependência é histórica na América Latina. Como se livrar desse ciclo de subordinação?

Freire: O continente latino-americano, com matizes diferenciadas entre os distintos países, está sob o paradigma da dependência, isto é, é determinado como um “ser-para-o-outro” e, portanto, silenciados do seu projeto de nação. A possibilidade para alterar essa tendência é potencializar o “ser-para-si”, por meio do rompimento das “situações-limite”, bem como inaugurando “situações-experiência”, que promovam um projeto libertador. Com o objetivo de potencializar esse projeto, é necessário compreender a realidade histórica e, dentro dela, perceber que nas relações entre a metrópole e a colônia foi imposta uma cultura do silêncio; que o jeito de viver dos países “independentes” foi assimilado pelos países “dependentes”, por meio de um procedimento de manipulação; e, no interior de cada país dependente, instaurou-se um populismo que, fundamentalmente, serviu aos interesses das sociedades dominadoras. Portanto, o procedimento para se livrar desse ciclo de dependência é a tomada de consciência dessa situação e a manifestação explícita de liberdade, por meio de uma práxis libertadora.

Luiz: E para compor a tríade, considerando a opressão e a dependência, o senhor sinaliza para um processo de marginalidade. Qual é seu entendimento dessa tendência?

Freire: A marginalidade, principalmente entre países dependentes, faz parte de uma estrutura de marginalização que incorpora uma série de atributos, tais como as realidades históricas, econômicas, políticas e sociais. Nesse sentido, a marginalidade não é uma opção, mas uma decisão daqueles que detêm o monopólio do poder de dominação e, por essa razão, a mudança desse contexto somente é possível com a transformação das estruturas “desumanizantes”, fortalecendo procedimentos “humanizadores”, pautados num processo de conscientização e num projeto de libertação.

Luiz: Para atender a essa proposta é necessária, no entanto, certa metodologia?

Freire: Certamente. Para mim o método é um procedimento que se identifica com o sujeito e, por isso, “um processo de mudança e termina por identificar-se com ele, posto que a pedagogia coincide com um estilo muito exato de prática social, o da tomada de consciência, ou melhor, de conscientização” (1979, p. 77). Portanto, a conscientização, como você colocou na epígrafe, é mais que uma simples tomada de consciência, porque supera todas as formas ingênuas da consciência, propondo-se praticar uma consciência crítica e o desenvolvimento de uma prática transformadora da realidade.

Luiz: Nesse processo metodológico, qual a importância do diálogo?

Freire: O diálogo é essencial para a existência humana e para as relações sociais, contanto que é possível afirmar que “o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, objetivando transformá-lo” (1979, p. 82). Para isso é recomendado articular, de forma dialógica, a reflexão e a ação, para promover um profundo amor aos homens e ao mundo. E, nesse sentido, o amor é tanto o princípio, a mediação e a finalidade do próprio diálogo, aspecto que exige dos interlocutores certo grau de humildade, confiança mútua, e uma esperança esperançosa, para criar e recriar projetos humanizadores. Sob essa perspectiva, o diálogo é a essência, o método e a finalidade de todo processo de conscientização, e isso eu aprendi nas relações familiares, profissionais e sociais, e fui exercitando o mesmo nas reflexões e práticas da minha história de vida.

3 Contribuições para a educação do século XXI

Considerando o conteúdo da obra e a conversa simulada com Paulo Freire, é oportuno sinalizar para algumas contribuições que este ensaio poderia oferecer para a educação do século XXI. Não se pretende transplantar ideias e ideais, mas sugerir, com base no livro

Conscientização..., algumas possibilidades para desenvolver uma educação consciente, conscientizadora e libertadora.

Um primeiro aspecto a ser considerado é que a educação do novo milênio precisa compreender que os sujeitos sociais são identificados por uma infinidade de fisionomias, e que o rosto do ser humano reflete, cada vez mais, a fluidez das mudanças comportamentais, culturais e sociais. Apesar dessa manifestação mais passageira, é necessário compreender o ser humano como um “ser-em-situação” e envolvido por condições “espaçotemporais”. Isto é, destacar a consciência da temporalidade, da espacialidade e dos procedimentos do ser humano, bem como de suas manifestações culturais. Portanto, é acolher a integração entre a cartografia da terra e a germinação da semente.

Um segundo aspecto, sempre recordado por Paulo Freire, é a compreensão de que o ser humano é condicionado por uma série de fatores, e, ao mesmo tempo, consciente do inacabamento e, por isso, precisa sair de si mesmo, encontrar-se com os outros e transcender para o “inédito-viável”. Nessa dinâmica é recomendado: propor uma pedagogia utópica que inicia com a “problematização” da realidade; buscar um processo constante de “des-velamento”, por meio de uma atitude crítica, objetivando desencadear uma práxis conscientizadora, transformadora e libertadora. Configura-se, assim, a relação entre a consciência histórica e a utopia, como inédito viável.

Um terceiro aspecto é integrar a subjetividade, reciprocidade e transcendência, fortalecendo a compreensão de que os seres humanos são relacionais porque podem desenvolver uma dinâmica criadora, exercitar um dinamismo crítico e projetar a realidade profissional e social para experiências inovadoras. Para isso, é recomendado desenvolver a cultura do silêncio, aguçar a escuta recíproca e qualificar os sujeitos de palavra. Nesse sentido, a educação precisa superar as “situações-limite” e os modelos narrativos, identificados, atualmente, como informativos, para dinâmicas relacionais e experienciais,

excedendo o processo acumulativo, para fortalecer o dinamismo dialógico e minimizar o modelo bancário, para maximizar um projeto libertador. Configura-se, dessa forma, a existência de um “drama”, mas acredita-se na “trama”, pela qual o tecelão vai trançando os fios da fé, do amor e da esperança, aspectos “fundantes” de um processo educacional.

Um quarto aspecto decorrente é a percepção de que a educação é, em grande parte, reflexo da sociedade. No entanto, se vivemos numa sociedade entre dominadores e dominados, a educação vai revelar essa polaridade; se o contexto social é alienante e alienador, a educação vai reproduzir essa lógica; e, se a realidade está enraizada numa dinâmica opressiva e libertadora, a educação vai se caracterizar por essa dicotomia. Por essa razão, a historicidade da humanidade, a confiança nos homens, bem como a proposição de uma práxis libertadora irá exigir a historicidade humana, a confiança mútua entre os homens, e a proposição de projetos humanizadores pautados na democracia, na liberdade e na justiça. Por isso, renova-se a crença de que, “no grande sertão vai se encontrar uma vereda”.

E uma quinta decorrência é o exercício do diálogo entre o educador e educando. Para isso é recomendado: apropriar-se da história; estabelecer uma postura crítica e propor uma práxis libertadora, porque o sistema educativo procede de uma concepção de mundo e de história, de opções pedagógicas e políticas, bem como de práticas metodológicas e tecnológicas. Tal projeto vai exigir uma pedagogia, não “para ele”, mas “a partir dele”, problematizando a realidade, desenvolvendo um olhar crítico e afirmando uma práxis libertadora. Nessa perspectiva, a educação é profética e, por isso, também sapiencial e dialogal, fazendo da conscientização uma dimensão essencial da atitude reflexiva e da ação transformadora, proposta que exige, segundo a obra em referência, uma profunda “conversão” para a constituição de outro mundo possível, e uma

profissão na “ressurreição”, para sinalizar para o “inédito-viável”, como um sinal do Reino de Deus.

Referência

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.